



# Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos

## *Paternal engagement in caring for children of 4-6 years*

Carina Nunes Bossardi<sup>[a]</sup>, Lauren Beltrão Gomes<sup>[b]</sup>, Mauro Luís Vieira<sup>[c]</sup>, Maria Aparecida Crepaldi<sup>[d]</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar as características do engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos de idade. Cinquenta pais (homens) com filhos(as) na idade de 4 a 6 anos responderam ao Questionário de Engajamento Paterno, o qual é formado por 56 itens distribuídos em sete dimensões. Por meio de análises estatísticas constatou-se que o pai está engajado no cuidado com os filhos, embora tenham sido percebidas variações no nível de engajamento, de acordo com dimensões específicas. Destacaram-se as atividades referentes ao suporte emocional e à disciplina em comparação com aquelas referentes aos cuidados básicos e a tarefas de casa, o que demonstra que esse envolvimento ainda não é igual para todas as dimensões do cuidado. Constatou-se que os pais estão engajados com seus filhos e que o engajamento é maior em algumas esferas em comparação com outras, indicando que a paternidade passa por um período de transição, no qual se mesclam as atividades tradicionais e as de um pai moderno e mais participativo.

**Palavras-chave:** Engajamento paterno. Envolvimento paterno. Pai. Desenvolvimento infantil.

### Abstract

*This article aims to investigate the characteristics of parental involvement in caring for children of 4 to 6 years old. Fifty fathers with children at age 4-6 years old responded to the Questionnaire of Paternal Engagement which comprises 56 items divided into seven dimensions. Through statistical analysis it was found that the father is engaged in caring for children, although variations in the perceived level of engagement, according to specific dimensions. Gained more attention the activities related to emotional support and discipline than those related to basic care and household chores, which shows that this involvement is still not equal for all dimensions of care. It was found that parents are engaged with their children and that engagement is higher in some spheres in comparison with other, indicating that fatherhood is going through a transition period which combines the traditional activities and the father of a modern and more participatory.*

**Keywords:** Paternal engagement. Paternal involvement. Father. Child development.

<sup>[a]</sup> Psicóloga, doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: carinabossard@yahoo.com.br

<sup>[b]</sup> Psicóloga, doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: laurenbeltrao@yahoo.com.br

<sup>[c]</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: mlvieira@gmail.com.br

<sup>[d]</sup> Doutora em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: maria.crepaldi@gmail.com.br

Recebido: 03/06/2011  
Received: 06/03/2011

Aprovado: 13/10/2011  
Approved: 10/13/2011

## Introdução

A família é considerada como o principal contexto de desenvolvimento da criança, especialmente durante os anos iniciais de sua vida. O envolvimento da figura materna nos cuidados ao filho é, de longa data, valorizado e os resultados de diversos estudos conferiram caráter de inquestionabilidade ao importante papel da mãe no desenvolvimento infantil. Todavia, apenas nas últimas décadas é que foi intensificado o interesse pelo estudo do envolvimento do pai com a criança.

O livro de Michael Lamb publicado em 1976, *O papel do pai no desenvolvimento infantil*, abriu caminho para investigações sistemáticas por meio das quais se constatou que o papel do pai vai além da função de provedor. Mais especificamente, a partir da década de 1980, a figura paterna passou a ser estudada e a observação do comportamento dos recém-nascidos mostrou que, desde os primeiros dias, o bebê já é capaz de se relacionar com a figura paterna. Portanto, evidencia-se que o pai entra muito mais cedo na vida da criança do que se imaginava e desempenha importante função no processo de desenvolvimento infantil (Maldonado, Dickstein & Nahoum, 1997; Paquette, 2004; Vieira, Rímoli, Prado & Chelini, 2009).

Com a ascensão de um novo modelo econômico industrial no ocidente e a consolidação do movimento feminista, muitas mulheres se inseriram no mercado de trabalho, com carga horária e cargos semelhantes aos dos homens, e passaram a dividir com eles a condição de provedor do lar. Iniciou-se uma pressão no sentido de que estes também passassem a realizar tarefas antes exclusivas das esposas. Desencadearam-se, então, intensas modificações na organização familiar, e o pai passou a estar mais envolvido com os filhos e até mesmo com as tarefas domésticas (Pleck J. & Pleck E., 1997; Jablonski, 2010).

No Brasil, as transformações sociais contemporâneas como o incremento da inserção da mulher no âmbito profissional e os novos arranjos familiares modificaram a estrutura e os padrões de funcionamento familiar, mais especificamente em relação ao número de lares brasileiros chefiados por mulheres, ou seja, lares em que o trabalho feminino passou a representar a principal fonte de sustento econômico da família. Tais mudanças têm repercutido para além da dinâmica familiar, nas questões conjugais, bem como na educação dos filhos e geram transformações nos papéis e funções desempenhados por cada

progenitor (Borsa & Nunes, 2010; Fleck & Wagner, 2003; Jablonski, 2010; Staudt & Wagner, 2008). A visão tradicional do pai como provedor do lar vem se alterando e a figura paterna vai gradativamente sendo associada à maior participação no que se refere ao cuidado com os filhos (Bandeira, Goetz, Vieira & Pontes, 2005; Freitas, Silva, Coelho, Guedes, Lucena & Costa, 2009; Perucchi & Beirão, 2007).

Os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão mudando rapidamente, criando novas expectativas, crenças e atitudes sobre o que pais e mães devem fazer no contexto familiar (Silva & Piccinini, 2007). No tocante à paternidade, o padrão ideal que vem sendo constituído é o de um pai participativo e envolvido com a família e com os filhos. Percebe-se a ampliação das funções paternas que agora incluem, além da responsabilização pelo suporte e sustento familiar, a interação direta com a criança como alimentar, dar banho, vestir, levar ao médico, e a responsividade no cuidado parental como cuidar, pegar no colo quando a criança pede e consolá-la quando chora (Bandeira et al., 2005; Fleck & Wagner, 2003).

Além da ampliação das atividades que dizem respeito aos cuidados com os filhos, ainda espera-se que o pai participe e se envolva de modo a compartilhar as tarefas familiares com a mãe. O termo com o qual Pleck J. e Pleck E. (1997) descrevem esse novo modelo de paternidade, que tem como marca central a igualdade de responsabilidade pela criação dos filhos, é o de “pai cogenitor”. O pai cogenitor deve se envolver com as crianças, dividir igualmente com a mãe o cuidado físico diário dos filhos e participar ativamente no desenvolvimento da criança, desde o nascimento até a fase adulta. Este modelo é considerado ideal até os dias de hoje e é ele que tem impulsionado muitas investigações científicas (Bandeira et al., 2005). De acordo com Lamb (1997), o pai não necessariamente desempenha todas as tarefas em igualdade com a mãe, mas espera-se dele que cuide, brinque, instrua e demonstre afeto e amizade por suas crianças.

A manifestação do envolvimento paterno varia de acordo com culturas e contextos e é determinada por fatores biológicos, sociais e culturais (Bandeira, 2009). No período inicial de vida da criança, o cuidado parental está centrado na mãe devido a características como gestação, amamentação e interação mãe-bebê nas primeiras horas após o nascimento. Contudo, estudos têm mostrado que hormônios

relacionados ao cuidado materno, como a ocitocina e a prolactina também podem estar relacionados ao comportamento paterno e, que, além disso, o homem pode sofrer mudanças neuroendócrinas ativadas por estímulos vindos do contato com os recém-nascidos (Vieira et al., 2009). Outras evidências mostram que o bebê é capaz de reconhecer o pai durante o período inicial do desenvolvimento (Bandeira et al., 2005).

O reconhecimento de que o pai exerce importante papel no desenvolvimento infantil e as transformações pelas quais vem passando o ideal de paternidade abriram caminho para novos estudos nessa área. Em razão da diversidade de terminologia encontrada nas pesquisas sobre paternidade, faz-se necessária uma breve conceituação dos termos utilizados com maior frequência para se referir aos cuidados paternos: investimento, envolvimento e engajamento.

O termo “investimento” é derivado da biologia evolucionista e refere-se a atividades nas quais os pais se engajam para contribuir com a sobrevivência da espécie e garantir seu sucesso reprodutivo (Hewlett, 1992). Segundo o autor, o investimento pode ser caracterizado como: direto — atividades e comportamentos dos pais que exercem uma influência imediata na sobrevivência da criança tais como alimentar, transmitir conhecimentos e fornecer recursos; e indireto — atividades e comportamentos que beneficiam a criança sem que ela necessariamente esteja presente fisicamente como defender, garantir o acesso a recursos e alimentação e providenciar suporte emocional e econômico à mãe.

O termo “envolvimento” remete essencialmente a um tipo de investimento e diz respeito à interação ou proximidade com a criança (Hewlett, 1992) e pode ser dividido também em: ativo — cuidar, fazer a higiene e falar com a criança; e passivo — atividade que engloba a proximidade com a criança, sem necessariamente implicar uma ação, como dormir junto e ficar perto. Esse termo é privilegiado por psicólogos interessados em pesquisas interculturais do desenvolvimento, que investigam como a presença do pai e da mãe e seu nível de envolvimento com a criança podem influenciar seu desenvolvimento emocional, cognitivo, da personalidade e da moral.

O termo “engajamento paterno” é, de certa forma, recente na literatura psicológica, e em muitos estudos não está definido de forma clara. O conceito de engajamento paternal surgiu das investigações, muitas delas realizadas pela observação e descrição dos comportamentos dos pais em relação às crianças, a

respeito das mudanças relativas à paternidade, bem como dos seus efeitos sobre os filhos (Parke, 1996). Uma das definições mais utilizadas na literatura sobre o envolvimento paterno remete ao conceito de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), que o definem a partir de três dimensões: acessibilidade, interação e responsabilidade. Acessibilidade concerne à presença e à disponibilidade do pai para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles. A interação refere-se ao contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas como brincadeiras ou lazer. Por fim, a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança (como levar o filho ao médico ou participar de reuniões na escola).

A equipe ProsPère (<http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>), sediada na Universidade de Québec em Montreal (UQÀM), formada por pesquisadores de diversas áreas que há dez anos dedicam-se ao estudo da paternidade, adota o termo “engajamento paternal” como sinônimo de envolvimento paterno e o define como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. Dessa forma, o engajamento paterno se exprime de diferentes formas: pai em interação (presença do pai para com a criança, direta ou indireta); pai que cuida (compartilha as tarefas cotidianas); pai afetuoso (gestos e palavras que tranquilizam e encorajam); pai responsável (realiza tarefas para o desenvolvimento da criança); pai provedor (promove apoio financeiro para as necessidades da criança); e pai evocativo/significativo (pai que pensa na criança) (Dubeau, Devault & Paquette, 2009).

Pouco se sabe sobre como os pais estão vivenciando as mudanças na dinâmica familiar, como se avaliam e que sentimentos possuem com relação à paternidade. Em estudo conduzido por Silva e Picininni (2007) sobre os sentimentos em relação à paternidade e o envolvimento paterno, os pais revelaram estar satisfeitos com a paternidade, ter bom relacionamento com os filhos e com a companheira. Com relação às interações com os filhos, os pais participavam dos cuidados básicos e, embora com frequência irregular, dividiam com a mãe a responsabilidade pela criação dos filhos. Tais resultados sugerem que o pai pode ter uma ampla participação na vida dos filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, a passeios e a brincadeiras.

Por outro lado, pesquisas revelam que os pais participam pouco das tarefas domésticas e dos cuidados básicos aos filhos, sendo apenas referidas as atividades de brincadeiras (Araújo & Scalon, 2006; Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006). Outros estudos referem maior participação masculina nos cuidados com os filhos em detrimento das tarefas domésticas (Gomes & Resende, 2004; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005). Contudo, as recentes transformações na dinâmica familiar retratam a necessidade de se redefinir alguns conceitos e papéis que envolvem a maternidade, a paternidade e, conseqüentemente, a família e seu papel no desenvolvimento infantil.

Percebe-se um aumento dos estudos na área de paternidade, embora ainda sejam poucos aqueles que buscam entender como os pais estão vivenciando as mudanças de expectativas, o que sentem em relação à paternidade e como se avaliam neste papel. O envolvimento paterno tem sido estudado de forma qualitativa (Crepaldi et al., 2006; Fleck & Wagner, 2003; Silva & Picininni, 2007) e também quantitativa (Bandeira, 2009; Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau & Bouchard, 2000; Saraff & Srivastava, 2009).

Bandeira (2009) desenvolveu o “Inventário de Investimento Parental” que foi adaptado a partir de um instrumento sobre crenças parentais e práticas de cuidados, construído e validado por pesquisadores brasileiros (Martins et al. 2010). O instrumento possui 39 itens que dizem respeito a atividades que fazem parte do investimento de pais na criação de seus filhos, de forma que os itens podem ser avaliados pelos participantes por meio de uma escala que vai de pouco importante a muito importante.

Em pesquisa realizada na Índia com 350 casais, Saraff e Srivastava (2009) utilizaram técnicas qualitativas e quantitativas para investigar o nível de envolvimento dos pais no cuidado com os filhos. A parte qualitativa foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e para a quantitativa foi utilizada a “Escala de Participação Paterna no Cuidado da Criança”, composta por cinco categorias: declaração de envolvimento, participação nos cuidados do filho, participação na socialização, influência nas decisões de educação infantil e disponibilidade.

A equipe multidisciplinar de pesquisadores ProsPère desenvolveu um instrumento chamado Questionário de Engajamento Paterno (QEP), baseada no resultado de uma série de pesquisas com

o pai e visando a implementação e validação de iniciativas de intervenção comunitária no sentido de favorecer o engajamento dos pais. O presente artigo apresenta resultados de um estudo realizado no Brasil com a utilização do referido instrumento. Tal estudo faz parte de uma pesquisa maior realizada em parceria entre pesquisadores brasileiros e canadenses. Entrevistaram-se pais (homens) de crianças de 4 a 6 anos com o objetivo investigar as características do engajamento paterno com crianças nessa faixa etária. Posteriormente, pretende-se comparar os resultados encontrados no contexto brasileiro com os resultados encontrados pelos pesquisadores canadenses.

A delimitação da faixa etária se justifica pelo fato de que após os 3 anos de idade, as crianças demonstram maior abertura para estabelecerem outras relações, além da relação com a mãe, passando a interagir mais com a figura paterna (Lamb et al., 1985; Shaffer, 2005). Ademais, crianças em idade escolar já não demandam tantos cuidados por parte do adulto. A delimitação de uma faixa etária específica fornece dados mais pontuais acerca das características de cada fase das crianças.

## Método

Foram investigados 50 pais, biológicos ou não, com pelo menos um filho entre 4 e 6 anos de idade. O pai deveria estar vivendo junto com a companheira há pelo menos seis meses.

Para esta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) Questionário sociodemográfico – composto por questões que têm a finalidade de caracterizar os participantes como composição familiar, escolaridade e atividade profissional dos pais, rendimento familiar, idade e sexo dos filhos; (b) Questionário de Engajamento Paterno (QEP) – instrumento construído pela equipe ProsPère e validado no Canadá com uma amostra de 468 famílias biparentais com pelo menos um filho entre zero e 6 anos de idade. Os alphas de Cronbach variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal variou de 0,50 a 0,77 (Paquette et al., 2000). O instrumento utiliza duas escalas do tipo Likert para avaliar com que frequência os pais realizam determinadas atividades com seus filhos: uma escala de frequência relativa de seis pontos (nunca, uma vez por mês, duas ou três vezes por mês, uma vez por semana, várias

vezes por semana e todos os dias), e outra escala com frequência absoluta de cinco pontos (nunca, de vez em quando, regularmente, quase sempre e sempre). É composto por 56 itens distribuídos em sete dimensões:

- suporte emocional (12 itens) — referente a gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança, por exemplo: cuidar de seu/sua filho(a) quando ele está doente, tranquilizar seu/sua filho(a) quando ele(a) tem medo e tentar saber de seu/sua filho(a) se algo está errado com ele(a);
- abertura ao mundo (9 itens) — diz respeito a incentivar a criança a ir mais longe e a explorar o ambiente, por exemplo: ir ao parque com seu/sua filho(a), acompanhar seu/sua filho(a) na casa de amigos, parentes ou vizinhos e assistir com ele(a) um programa infantil na televisão;
- cuidados básicos (9 itens) — se refere a fornecer cuidados essenciais à sobrevivência, por exemplo: dar de comer ou beber a seu/sua filho(a), dar banho em seu/sua filho(a) e vestir seu/sua filho(a);
- jogos físicos (7 itens) — diz respeito a interagir com a criança fisicamente por meio de gestos e brincadeiras, por exemplo: fazer cócegas em seu/sua filho(a), brincar com seu/sua filho(a) nas costas (cavalinho) e fazer seu/sua filho(a) rir;
- evocações (6 itens) — se refere a pensar, lembrar e/ou falar da criança, por exemplo: falar de seu/sua filho(a) aos seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho, pensar em seu/sua filho(a) quando ele não está com você e lembrar-se de seu/sua filho(a) quando ele(a) era mais novo(a);
- disciplina (4 itens) — remete às ações de controle de comportamentos, ou seja, ao ato de corrigir e repreender a criança, como por exemplo: corrigir comportamentos de seu/sua filho(a) na mesa, repreender seu/sua filho(a) porque ele/ela perturba/incomoda e punir o seu/sua filho(a) quando ele(a) fez algo errado (machucar alguém, por exemplo);
- tarefas de casa (9 itens) — compreende as atividades com a casa em geral, por exemplo: preparar as refeições, lavar a louça e lavar roupa.

Para sua utilização nesta pesquisa, o instrumento QEP passou por um processo de adaptação para o contexto brasileiro. Originalmente escrito em francês, foi traduzido literalmente para o português. A tradução e a versão original foram revisadas e comparadas pelos próprios pesquisadores. A seguir, foi realizada a análise semântica quando se buscou adaptar o instrumento para o contexto brasileiro com a substituição de algumas palavras e expressões. Esse procedimento teve como objetivo tornar mais clara a compreensão dos itens pelos participantes da pesquisa. Por exemplo, a tradução literal do item 40 era: “supervisionar seu filho quando ele brinca fora”. No entanto, como o sentido da expressão “brincar fora” não estava claro, decidiu-se por modificar a redação da frase. A forma final ficou da seguinte forma: “olhar seu filho quando ele brinca no jardim ou na rua”.

Com o objetivo de elevar a fidedignidade do instrumento, foram convidados três profissionais pesquisadores na área de interesse do instrumento para que avaliassem a correspondência entre o original e a tradução para o português, além da correspondência do construto teórico do fenômeno e o questionário. Para isso, os juízes receberam informações sobre o objetivo do instrumento e a descrição do material para sua aplicação. Receberam também, além das versões do instrumento — a original e a traduzida —, o construto teórico que o embasa, originário da literatura sobre o tema, bem como a demonstração da relevância da utilização do instrumento.

Nesse processo foram sugeridas alterações na forma de descrever alguns itens no que se refere à tradução e ao significado para a população brasileira. Algumas palavras tiveram que ser substituídas por equivalentes semânticos ou foram acrescentados exemplos para as questões que pudessem apresentar dificuldades no entendimento. Um dos exemplos dessas modificações é o item 14, cuja tradução literal seria “cuidar dos cabelos de seu filho” e alterou-se para “cuidar dos cabelos de seu filho (lavar, pentear)”. Após a apreciação das alterações sugeridas pelos juízes, o instrumento passou pelo procedimento de *backtranslation*, processo este que levou a novas modificações como a alteração do item 22, cuja tradução inicial era “fazer carícias, praticar gestos de amor com seu filho” e após o *backtranslation* alterou-se para “acariciar, afagar seu filho”. Esse procedimento englobou a (re)tradução da versão traduzida para língua original e foi realizado por pessoas especializadas na língua francesa.

Posteriormente, realizou-se uma aplicação com oito participantes (três pais e cinco mães), a partir do qual foi possível identificar falhas e proceder às modificações necessárias para a compreensão do instrumento. Por meio dessa aplicação, puderam ser verificadas a compreensão dos pais quanto às questões e o tempo que cada participante levava para responder. Além disso, notou-se também que alguns trechos das assertivas e perguntas necessitavam do acréscimo de palavras no masculino e no feminino (por exemplo, filho/filha; seu/sua; ele/ela).

Os participantes foram recrutados em Instituições de Educação Infantil de quatro cidades de um estado do sul do Brasil. As escolas que autorizaram a realização da pesquisa enviaram cartas convite aos pais das crianças de 4 a 6 anos. Aqueles que retornaram as cartas preenchidas foram contatados via telefone e foi agendada uma visita, preferencialmente no domicílio dos participantes, para realização da pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética para Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (protocolo 520/09) e pelas secretarias municipais de Educação do estado.

Para a análise dos dados obtidos, foram utilizados procedimentos estatísticos a partir do programa Statistical Package for Social Sciences for Windows (SPSS 18.0). Os dados foram analisados mediante estatística descritiva explicativa (frequências, percentuais, médias e desvio padrão) e estatística inferencial quanto ao envolvimento paterno (correlação de Spearman).

## Resultados

A idade média dos participantes foi de 37,20 (d.p. = 9,39), variando entre 26 e 63 anos. A média de escolaridade em anos foi 11,25 (d.p. = 3,14). Em termos de variável nominal (fundamental incompleto, médio incompleto, superior incompleto e superior completo/pós-graduação), a escolaridade variou de ensino fundamental incompleto (20%) a ensino superior completo (18%); 6% dos pais possuíam ensino fundamental incompleto; 8% possuíam ensino médio incompleto; 34% possuíam ensino médio completo; e 14% possuíam ensino superior incompleto (14%). A maioria dos pais (92%) apresentou jornada de trabalho fora de casa; três (6%) dos pais trabalhavam até 30 horas

semanais, 24 (48%); possuíam jornada de até 40 horas semanais; dez (20%) trabalhavam acima de 44 horas semanais; e nove (18%) trabalhavam até 44 horas semanais. Quanto ao salário, a média foi de R\$ 2.056 reais (d.p. = 1.343,62), sendo o mínimo de R\$ 510,00 e o máximo de R\$ 8.000,00 reais. Com relação ao tipo de família: 39 pais (78%) constituíam família nuclear, com pai e mãe biológicos da criança; seis (12%) formavam famílias recasadas, com pai e mãe biológicos da criança focal; quatro (8%) eram padrastos; e uma família era recasada, com pai biológico e madrasta (2%).

Foram calculados os escores geral e específico do instrumento. Constatou-se que a média de engajamento paterno geral foi de 4,06 (d.p. = 0,49) e obtiveram-se os seguintes escores por dimensões: suporte emocional = 4,48 (d.p. = 0,43); disciplina = 4,17 (d.p. = 0,55); jogos físicos = 3,91 (d.p. = 0,55); evocações = 3,78 (d.p. = 0,81); cuidados básicos = 3,55 (d.p. = 0,88); abertura ao mundo = 3,38 (d.p. = 0,65) e tarefas de casa = 3,09 (d.p. = 0,73).

As variáveis sociodemográficas como idade, anos de escolaridade e renda não apresentaram nenhuma correlação significativa com o envolvimento paterno. Com o objetivo de identificar relações das dimensões entre si, foram realizados testes de correlações, cujos resultados estão explicitados na Tabela 1.

Constatou-se que suporte emocional (que obteve a maior participação do pai) está correlacionado de modo significativo e positivo com abertura ao mundo, evocações, disciplina e tarefas de casa. A disciplina apareceu correlacionada com cuidados básicos. Por outro lado, a dimensão tarefas de casa (que obteve a mais baixa participação do pai) apareceu correlacionada com abertura ao mundo, cuidados básicos, suporte emocional e evocações. É importante destacar que foram encontradas correlações positivas entre as dimensões, o que parece indicar que, quando o pai se engaja em uma atividade, acaba realizando outras também.

## Discussão

Este estudo, que teve como objetivo investigar as características do engajamento paterno com crianças entre 4 e 6 anos, por meio da utilização de um instrumento quantitativo, permitiu constatar que o pai, de forma geral, se mostra envolvido com seus filhos, visto que o escore de engajamento geral foi alto. Ao analisar

**Tabela 1** - Correlações entre as dimensões do envolvimento paterno

	Suporte emocional	Abertura ao mundo	Cuidados básicos	Jogos físicos	Evocações	Disciplina	Tarefas de casa
Suporte emocional	-						
Abertura ao mundo	0,51**	-					
Cuidados básicos	0,26	0,39**	-				
Jogos físicos	0,27	0,34*	0,21	-			
Evocações	0,51**	0,58**	0,38**	0,25	-		
Disciplina	0,36*	0,20	0,29*	0,25	0,23	-	
Tarefas de casa	0,32*	0,37**	0,58**	-0,0	0,28*	0,26	-

Legenda: \*\* =  $p < 0,01$ ; \* =  $p < 0,05$ .

Fonte: Dados da pesquisa.

o engajamento no que se refere às dimensões mais específicas de cuidado, pode-se constatar que o pai se envolve mais com atividades referentes ao suporte emocional e disciplina, seguido de jogos físicos, respectivamente, do que com atividades que envolvam evocações, cuidados básicos, abertura ao mundo e tarefas domésticas. Chama a atenção o fato de a dimensão suporte emocional ter atingido o escore mais alto, maior inclusive do que a pontuação de engajamento geral, pois se esperava que atividades referentes à disciplina, jogos físicos e abertura ao mundo fossem as mais realizadas pelo pai, como apontam autores como Lamb (1997) e Paquette (2004).

O destaque da dimensão suporte emocional pode indicar as transformações pelas quais vem passando a dinâmica familiar, transformações estas impulsionadas especialmente pelo incremento da participação da mulher no mercado de trabalho, o que levou à necessidade de reconfigurações nos papéis parentais. Portanto, a constatação de que o pai prioriza atividades como cuidar, tranquilizar e consolar a criança, oferecer os primeiros socorros, dizer à criança que a ama, incentivar e intervir quando esta apresenta alguma dificuldade ou desconforto oferece evidências de que a paternidade vai, gradativamente, englobando aspectos antes pertencentes exclusivamente ao universo da maternidade, conforme também encontrado por Lamb (1997). Assim como afirmam Fleck e Wagner (2003), o padrão ideal de paternidade que está sendo construído caracteriza-se pela diversidade de funções atribuídas ao pai e pela exigência de uma maior participação nos cuidados com os filhos, ainda que, no caso dos resultados encontrados nesta pesquisa, se trate de um cuidado afetivo.

A valorização conferida à dimensão disciplina, segundo escore mais alto, vai ao encontro da visão tradicional de papéis parentais, evidenciando a importância da figura paterna no sentido de transmitir a autoridade social, como aponta Paquette (2004). Dessa forma, o pai também se dedica a atividades como corrigir comportamentos, repreender e punir os filhos quando fazem algo de errado.

Outra dimensão com escore alto foi a que se refere aos jogos físicos, demonstrando que o pai se envolve em brincadeiras de "lutinha", brinca com os filhos nas costas, faz cócegas e faz as crianças rirem. Em menores proporções, aparecem os cuidados básicos (dar de comer ou beber a criança, dar banho, vestir, colocar na cama, levar ao médico e levantar a noite) e a abertura ao mundo (assistir programa infantil com o filho, escutar música, acompanhar na casa de amigos e vizinhos, levar ao parque, passear, ensinar esportes, propor brincadeiras educativas e mostrar novos brinquedos). Por último, aparece a dimensão tarefas de casa, a qual destoa da maioria das dimensões; em termos de média e é a menos realizada pelo pai (preparar refeições, lavar louça e roupa, limpar a casa, levar o lixo, fazer e programar a compras de coisas necessárias para a casa e para os filhos).

Corroborando com a pesquisa de Bandeira et al. (2005) e de Fleck e Wagner (2003), constata-se que o pai está mais voltado às atividades que dizem respeito ao suporte emocional da criança em detrimento das atividades domésticas. A dimensão disciplina aparece com grande destaque, evidenciando que a figura paterna mantém a função de disciplinar os filhos.

Percebe-se que a abertura ao mundo, destacada como uma dimensão significativa no estudo

do envolvimento paterno (Lamb, 1997; Paquette, 2004), não apresentou um escore expressivo; ela aparece relacionada a jogos físicos, que foi a terceira dimensão mais pontuada pelos pais. Supõe-se que os itens referidos nos jogos físicos sejam mais representativos das atividades do pai com o filho do que os itens que compõem a dimensão abertura ao mundo. Segundo Lamb (1997), o pai parece desempenhar papel expressivo na contribuição para o ajustamento social, abertura ao mundo, especialmente relacionada à autonomia e controle do risco, assertividade, graduação da raiva em relações sociais com pares e desempenho acadêmico. O pai favorece a abertura ao mundo já que incentiva a criança a ir mais longe em sua exploração e esta aprende a lidar com ameaças e a estranhar seu ambiente (Paquette, 2004).

O engajamento paterno vem aumentando gradualmente nas últimas décadas. No entanto, esse crescimento ainda não é grande em termos absolutos, o que indica que o pai está distante de uma paridade com a mãe. Em comparação com a participação da mãe, autores concluem que, mesmo com seus esforços e com o reconhecimento da sua maior participação nos cuidados com os filhos, o pai ainda não se iguala e não substitui as funções da mãe (Borsa & Nunes, 2010; Staudt & Wagner, 2008).

Nesse sentido, o engajamento paterno pode variar, não sendo exercido da mesma forma em todos os lugares. Muitos fatores podem influenciar de uma forma geral no comportamento do pai e da mãe com seus filhos. Com relação às variáveis que exercem influência sobre o comportamento paterno, Dubeau et al. (2009) reconhecem que o nível de compromisso paterno resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai, dos filhos, e do contexto familiar (relacionamento com as mães) e social.

Dentre as características do pai, alguns dados sociodemográficos são apontados como exercendo influência no envolvimento paterno, como idade do pai, renda, escolaridade e jornada de trabalho. Neste estudo as variáveis como idade, escolaridade e renda não apresentaram resultados significativos quando correlacionadas com o envolvimento paterno, o que pode ser explicado pelo fato de que os participantes possuíam, em média, uma faixa salarial alta e maiores níveis de escolaridade, não sendo possíveis outras formas de comparação.

A realização deste estudo pode contribuir para a caracterização do modo como está se desenvolvendo

a maior participação paterna indicada pelos pesquisadores. O estudo evidencia que o pai se engaja frequentemente no cuidado com os filhos e se destaca em esferas específicas de cuidados; algumas esperadas conforme a literatura como disciplina e jogos físicos e outras, como suporte emocional, que demonstram uma modificação nos papéis tradicionais do pai.

## Considerações finais

As recentes transformações nas configurações familiares trouxeram a necessidade de redefinir alguns conceitos e atribuições que envolvem a maternidade, a paternidade e, conseqüentemente, a família e seu papel no desenvolvimento infantil. Os estudos empreendidos especialmente nas últimas três décadas contribuíram para o reconhecimento da importância da participação masculina no cuidado dos filhos.

Diversos estudos realizados com o pai utilizam instrumentos desenvolvidos e validados a partir de amostras de mães, e este fato, indubitavelmente, compromete os resultados encontrados. Portanto, fica explícita a necessidade de adaptar os instrumentos de medida em virtude das realidades específicas enfrentadas pelas mães e pelos pais (Dubeau et al., 2009). Os autores ressaltam ainda a importância de trabalhos com a abordagem quantitativa, visto que auxiliaram a identificar, ao longo dos anos, o crescente engajamento do pai com seu filho. Atualmente, a avaliação do envolvimento paterno inclui também aspectos como qualidade e conteúdo.

Considerando-se a diversidade de configurações familiares existentes na atualidade, apesar da relevância das pesquisas com famílias biparentais, ressalta-se a importância também da realização de estudos que abordem o envolvimento paterno no caso de famílias monoparentais, separadas ou divorciadas. Para Lamb et al. (1985), as conseqüências do envolvimento do pai para a criança precisam ser distinguidas dos efeitos de outras características paternas. O envolvimento tem efeitos diretos e indiretos na masculinidade, nas práticas socializadoras, na relação com a mãe e irmãos da criança, e na relação da criança com seus pares.

É relevante, ainda, considerar nas pesquisas sobre a participação paterna, o estudo com famílias biparentais com o objetivo de comparar o engajamento paterno com o materno e, assim, explorar



melhor as variáveis que podem apresentar relações com o engajamento e também saber como as famílias estão configuradas diante das múltiplas funções que se apresentam delineadas no cenário socioeconômico brasileiro. Salienta-se também a necessidade de ampliar a amostra e a diversidade de contextos de estudo.

Embora em pesquisas recentes o engajamento paterno, por vezes, ainda não apresente um grande crescimento quantitativo quando comparado aos resultados advindos das mães, existe um maior desejo de participação por parte do pai na criação de seus filhos, acompanhado de uma nova capacidade de paternagem, cujas características estão mais associadas, tradicionalmente, à figura maternal (Silva & Piccinini, 2007).

Este estudo permitiu evidenciar que, de fato, o pai está engajado no cuidado com os filhos, mas apresenta variações no nível de engajamento, de acordo com dimensões específicas, sendo que participam em maior grau, por exemplo, de atividades de suporte emocional e disciplina do que de cuidados básicos e tarefas de casa.

## Referências

- Araújo, C., & Scalón, C. (2006). Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, 21*(62), 45-68.
- Bandeira, T. T. A. (2009). *Crenças sobre investimento parental*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Bandeira, M., Goetz, E. R., Vieira, M. L., & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In F. A. R. Pontes, W. L. B. Magalhães, R. C. S. Brito, & W. L. B. Martin (Org.). *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea*. (pp. 191-230). Belém-Pará: UFPA.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2010). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento, 29*(64), 31-39.
- Crepaldi, M. A., Andreani, C., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo, 11*(3), 579-587.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. Em *La paternité au XXI siècle*. Québec, Canadá: Les Presses de l'Université Laval.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo, 8*(n. esp), 31-38.
- Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista Saúde Pública, 43*(1), 85-90.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(2), 119-125.
- Hewlett, B. S. (1992). *Father-child relations: Cultural and biosocial contexts*. New York: Aldine De Gruyter.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão, 30*(2), 262-275.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist, 25*, 883-894.
- Lamb, M. E. (Org.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Maldonado, M. T., Dickstein, J., & Nahoum, J. C. (1997). *Nós estamos grávidos*. (10. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Martins, G. D. F., Macarini, S. M., Vieira, M. L., Seidl-de-Moura, M. L., Bussab, V. S. R., & Cruz, R. M. (2010). Construção e validação da Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado (E-CPPC) na primeira infância. *Psico-USF, 15*(1), 23-34.
- Paquette, D., Bolté C., Turcotte, G., Dubeaud, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: defining and associated variables. *Infant and Child Development, 9*(1), 213-230.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development, 47*(4), 193-219.
- Parke, R. S. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard Universal.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica, 19*(2), 57-69.

- Pleck, J. H., & Pleck, E. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M. E. Lamb, *The role of the father in child development*. (pp. 33-48). New York: John Wiley & Sons.
- Saraff, A., & Srivastava, H. C. (2009). Pattern and determinants of paternal involvement in childcare: An empirical investigation in a metropolis of India. *Population Research and Policy Review*, 29(2), 249-273.
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do desenvolvimento: Infância e adolescência*. São Paulo: pioneira Thompson Learning.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Vieira, M. L., Rímoli, A. O., Prado, A. B., & Chelini, M. O. (2009). Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In M. E. Y. Emma Otta. (Org.). *Psicologia evolucionista*. (pp. 86-95). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12.